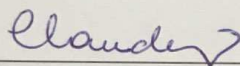


TERMO DE APROVAÇÃO

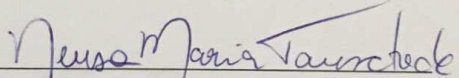
SILMARA DO ROCIO DOS SANTOS

CONTANDO MINHA HISTÓRIA

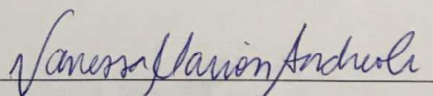
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza.



Profª Drª Claudemira Vieira Gusmão Lopes (Orientadora)
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná



Profª Mestre Neusa Maria Tauscheck
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná



Profª Drª Vanessa Andreoli Marion
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná

Matinhos, 08 de dezembro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILMARA DO ROCIO DOS SANTOS

**CONEXÕES ENTRE MINHA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE
EDUCADORES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUEZA**

CERRO AZUL

2018

SILMARA DO ROCIO DOS SANTOS

**CONEXÕES ENTRE MINHA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE
EDUCADORES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUEZA**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, Câmara de Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a)/Professor(a): Prof(a). Dr(a).
Claudemira Vieira Gusmão Lopes

CERRO AZUL

2018

CONEXÕES ENTRE MINHA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUEZA

SILMARA DO ROCIO DOS SANTOS

RESUMO

A história de vida é uma das melhores abordagens para se compreender o processo de socialização, entender o nascimento ou o declínio de um grupo ou sua estrutura organizacional. O objetivo geral deste artigo foi contar minha história de vida, ressaltando as questões educacionais e as dificuldades por mim encontradas para concluir a educação básica e cursar uma licenciatura. Os objetivos específicos foram perceber as conexões entre alguns fatos da minha história de vida com a formação de professores para as escolas do campo. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi elaborada em três momentos: ponto de partida (nesse momento ocorreu a leitura bibliográfica sobre história de vida, história oral, construção da identidade docente e narrativas pedagógicas na pesquisa e no ensino). A fase de campo compreendeu a escrita do relato, estruturado da seguinte forma: Minha história de vida - Quem sou eu? Minha vida escolar; Minha vida como educadora da escola Tia Léa e Minha entrada na Licenciatura em Educação do Campo. Na fase de sistematização de dados, ocorreu a transformação do relato em artigo. Ao refletir sobre minha história de vida, tentando perceber a contribuição que poderia ser tirado para a formação de educadores, percebi que muitos dos problemas que vivenciei na minha infância estavam relacionados à falta de políticas públicas para as populações do campo. Constatei que muitas vezes os jovens oriundos de escolas do campo não só não conseguem entrar em um curso superior e quando entram, sentem muitas dificuldades para acompanhar o curso devido a muitos fatores. Na Licenciatura, aprendi muito a partir de abordagens emancipatórias, destaco os conteúdos relacionados à biotecnologia, fermentação, microrganismos (fungos e bactérias) e fotossíntese. Aprendi que o uso de estratégias simples como a construção de um terrário, por exemplo, podem promover o aprendizado de vários conteúdos, como o ciclo da água, a fotossíntese e de outros ciclos biogeoquímicos. Também ficou evidente a contribuição de uma saída de campo para o ensino da Física, Química e Biologia. Percebi que estratégias simples com materiais de baixo custo podem alavancar a aprendizagem das crianças que vivem no campo.

Palavras - chave: Licenciatura em Educação do Campo. Relato de Experiência. Formação de professores.

RESÚMEN

La historia de vida es uno de los mejores enfoques para comprender el proceso de socialización, entender el nacimiento o la declinación de un grupo o su estructura organizacional. El objetivo general de este artículo fue contar mi historia de vida, ressaltando las cuestiones educativas y las dificultades por mí encontradas para concluir la educación básica y cursar una licenciatura. Los objetivos específicos

fueron percibir las conexiones entre algunos hechos de mi historia de vida con la formación de profesores para las escuelas del campo. La investigación, de abordaje cualitativo, fue elaborada en tres momentos: punto de partida (en ese momento ocurrió la lectura bibliográfica sobre historia de vida, historia oral, construcción de la identidad docente y narrativas pedagógicas en la investigación y en la enseñanza). La fase de campo comprendió la escritura del relato, estructurado de la siguiente forma: Mi historia de vida - ¿Quién soy yo? Mi vida escolar; Mi vida como educadora de la escuela Tia Léa y Mi entrada en la Licenciatura en Educación del Campo. En la fase de sistematización de datos, ocurrió la transformación del relato en artículo. Al reflexionar sobre mi historia de vida, tratando de percibir la contribución que podría ser sacada a la formación de educadores, percibí que muchos de los problemas que viví en mi infancia estaban relacionados a la falta de políticas públicas para las poblaciones del campo. La mayoría de los jóvenes provenientes de escuelas del campo no sólo no pueden entrar en un curso superior y cuando entran, sienten muchas dificultades para acompañar el curso debido a muchos factores. En la Licenciatura, aprendí mucho de enfoques emancipatorios, destaco los contenidos relacionados a la biotecnología, fermentación, microorganismos (hongos y bacterias) y fotosíntesis. Aprendí que el uso de estrategias simples como la construcción de un terrario, por ejemplo, pueden promover el aprendizaje de varios contenidos, como el ciclo del agua, la fotosíntesis y otros ciclos biogeoquímicos. También quedó evidente la contribución de una salida de campo para la enseñanza de la Física, Química y Biología. Me di cuenta de que las estrategias simples con materiales de bajo costo pueden aprovechar el aprendizaje de los niños que viven en el campo.

Palabras claves: Licenciatura en Educación del Campo. Relato de Experiencia. Formación de profesores.

1 INTRODUÇÃO

Contar minha história de vida não é fácil porque implica em lembrar e relembrar de fatos que muitas vezes gostaríamos de esquecer. Por outro lado, pesquisar nossa história de vida significa pesquisar o sentido da experiência.

Para Minayo (2010), a história de vida é uma das melhores abordagens para se compreender o processo de socialização, entender o nascimento ou o declínio de um grupo ou sua estrutura organizacional.

No meu caso, minha história de vida vai ajudar a compreender, dentre outras coisas as dificuldades que o povo, população/sujeitos do campo tem para conseguir estudar e se formar. Estudar sempre foi o meu sonho. Não foi nada fácil, mas aqui estou escrevendo meu artigo final de conclusão de um curso de licenciatura. Houve quem duvidasse que eu conseguisse. Nesse sentido, minha história serve também para mostrar para outros jovens que vivem no campo que é possível vencer todas as dificuldades que a vida nos coloca, como grandes distâncias, falta de escolas no

campo, falta de preparo de alguns professores para lidar com as questões específicas do campo, dentre outras coisas. O objetivo geral foi contar minha história de vida, ressaltando as questões educacionais e as dificuldades por mim encontradas para concluir a educação básica e cursar uma licenciatura. Com isso espero incentivar outros jovens que vivem no campo a abraçarem o campo da educação. Os objetivos específicos foram perceber as conexões entre alguns fatos da minha história de vida com a formação de professores para as escolas do campo e relatar a contribuição dos conteúdos trabalhados no curso de licenciatura que mudaram a minha prática pedagógica como professora da educação infantil.

Meu estudo se justifica porque, independente da modalidade escolhida para relatar a história de alguém, a saber, história de vida, etno-história e ou história oral, ambas são consideradas importantes instrumentos, no âmbito da abordagem qualitativa, para que as pessoas possam descobrir, explorar e compreender como avaliar o passado, vinculando a experiência individual ao local onde vive no presente. (MINAYO, 2010).

Também porque ao contar minha história, consegui refletir sobre a importância de me tornar uma licenciada em Educação do Campo, colocando todo o meu aprendizado para formar outros educandos e educandas nas Escolas do Campo.

Além disso, o fato de existirem poucas pesquisas na formação de professores da Educação do Campo em Ciências da Natureza que usaram a história de vida como metodologia, também evidencia a relevância desta pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A teorização sobre o uso da história de vida como investigação vem crescendo no Brasil, sobretudo nos cursos de formação de professores. De acordo com Cunha (1997), vários autores trouxeram importantes contribuições para as pesquisas qualitativas ao teorizar sobre a história de vida, dentre eles Hagette (1987), Andre (1995), Fazenda (1992 e 1995), Minayo (1994), dentre outros. Esses autores foram os principais responsáveis pelo embasamento teórico de grande parte das dissertações e teses, que usaram a história de vida como estratégia metodológica.

Para melhor compreender como a história de vida contribui para a pesquisa qualitativa, Sartre (1978), citado por Minayo (2010, p. 154), diz que:

Sartre (1978), em um dos seus clássicos, *Questão de Método*, questiona o marxismo mecanicista que omite o sujeito, propõe o método *biográfico regressivo progressivo* como método de análise da realidade social. Ele o desenvolve como uma estratégia para realizar a compreensão da existência, usando a biografia de forma contextualizada historicamente. O biografado é colocado de forma analítica, compreensiva e crítica, no contexto das determinações que o constroem e de sua liberdade como sujeito. O autor não só apresenta sua teoria como fundamento filosoficamente e a exemplifica com casos diversos, dentre os quais a análise da obra de Flaubert, Madame Bovary, O exemplo de aproximação da biografia e o trabalho de análise realizado por Sartre são primorosos, também como pistas do “como fazer”. Diz ele, referindo-se aos vários elementos de aproximação, a partir do sujeito: [...].

Nesse sentido trago o relato da minha trajetória de educanda e educadora, pontuando os percalços, dificuldades, conquistas e experiências que construíram, humanizaram e são determinantes na minha prática como educadora, trago também minhas perspectivas sobre a educação.

Concordamos com Cunha (1997, s/p) quando a mesma afirma que com o avanço dos estudos, os pesquisadores perceberam que as narrativas não eram descrições fidedignas dos fatos conforme eles tinham acontecido, mas eram reinterpretações que os sujeitos faziam de sua história. Também ficou evidente “o fato de a pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos”.

Isso é compreensível porque muitos fatos são muito dolorosos e a pessoa prefere esquecer ao invés de lembrar e acaba fazendo recortes.

Dentro deste contexto esta pesquisa busca relatar a trajetória de vida, experiências e vivência de Silmara, mãe, professora de Educação Infantil e pesquisadora.

Trago a experiência de vida e situações cotidianas que representam a realidade de muitos estudantes do campo seja no primeiro contato com a escola, a classe multisseriada, o trabalho no campo ou mesmo a inexistência de políticas públicas.

Todas essas questões intensificaram minhas vivências, marcaram minha trajetória e conseqüentemente construíram a pessoa que hoje sou. A fragilidade da educação que era destinada às pessoas do campo (antiga Educação Rural) e a

difficuldade do acesso me trouxeram a determinação de buscar a qualquer custo a escolarização.

Porém, a fragilidade acarretada pelo meu histórico de vida tornou este objetivo muito difícil e em alguns momentos extremamente doloroso, mas mesmo assim decidi seguir em frente e concluir com determinação o curso superior.

Portanto, este trabalho além de relatar momentos pontuais e dolorosos desta trajetória, ressalta acima de tudo de conquistas e a superação, mostrando também que a educação muda, transforma e traz novas possibilidades.

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, foi elaborada em três momentos: Ponto de partida, Fase de campo e Sistematização dos dados. Ponto de partida: nesse momento ocorreu a leitura bibliográfica sobre história de vida, história oral, construção da identidade docente e narrativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. A fase de campo compreendeu a escrita do relato propriamente dito, estruturado da seguinte forma: Minha história de vida - Quem sou eu? Minha vida escolar; Minha vida como educadora da escola Tia Léa e Minha entrada na Licenciatura em educação do Campo - Ciências da Natureza - Lecampo. Na fase de sistematização de dados, ocorreu a transformação do relato em artigo.

3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 QUEM SOU EU?

Meu nome é Silmara do Rocio dos Santos, tenho 31 anos, nascida na Barra Bonita, área rural do município de Cerro Azul/PR, nascida em casa pelas mãos de uma parteira conhecida como Alicéria, que se tornou minha madrinha e faleceu há 20 anos atrás. Minha infância foi nessa localidade onde iniciei os estudos nas séries iniciais aos sete anos de idade com muita dificuldade. Estudei até a quinta série em escola multisseriada. Considero que tempo em que passei na escola multisseriada o aprendizado foi muito significativo significativo, pois naquela época aprendíamos um com os outros, foi uma oportunidade de aprender coletivamente. Reprovei na primeira série, depois na terceira ou quarta série teve um teste de visão e audição

onde descobri uma deficiência visual e auditiva. A partir desse momento iniciei tratamento e comecei a usar óculos, aquele famoso “fundo de garrafa”, porém a audição até hoje não consegui aparelho auditivo devido às condições financeiras. Então aos doze anos consegui terminar o ensino fundamental dos anos iniciais, antiga quarta série.

Quando tinha doze anos sofri um acidente doméstico, um cavalo mordeu minha orelha e foi um dos momentos mais difíceis da minha vida pois me abalou psicologicamente. Fiz tratamento para reconstituir, mas devido às dificuldades com a distância entre Cerro Azul e Curitiba, acabei perdendo uma consulta e perdi todo encaminhamento cirúrgico. Depois dos quatorze anos voltei a estudar na quinta série no Colégio Estadual Princesa Isabel. Era a única menina no meio dos meninos. Foram tempos muito difíceis no colégio, pois os alunos me chamavam de a menina da orelha comida pelo cavalo. Nesse momento também tive muita dificuldade porque não conseguia acompanhar os alunos. Por não enxergar no quadro copiava tudo errado as lições passadas pelos professores. Até o momento em que a professora da escola especial “Caminhos da Igualdade”, na qual frequentei por dois anos, teve uma conversa com a pedagoga e colocou minhas dificuldades e deficiência auditiva e visual. Sendo assim, daquele dia em diante passei a sentar na frente e consegui acompanhar a turma normalmente.

No sétimo ano, essa mulher, que era professora da escola especial Caminhos da Igualdade, teve uma conversa com minha mãe e me levou morar com ela, convenceu minha mãe que cuidaria de mim como uma filha. Porém, o que ela queria era uma empregada. Também falou para minha mãe que eu iria estudar fora e fazer curso de Libras – Língua Brasileira de Sinais e que quando terminasse o ensino médio, estaria com serviço garantido. Só que não foi isso o que aconteceu. Ela me fazia trabalhar muito, limpar a casa, lavar roupa e atender o restaurante. Vestia-me com as roupas dos meninos dela. Eu não queria sair com aquela roupa me sentia mal, mas era a única no momento. Tinha dias que ia sem comer pra aula, pois não dava tempo era muito serviço para fazer e eu não dava conta. No ensino médio tive muita dificuldade devido o excesso de trabalho no restaurante e casa onde morava. Entretanto, apesar dos problemas onde morava, fui bem nessa fase escolar, realizava as atividades e sempre conseguia notas boas.

Em 2006 conheci o pessoal da UFPR do grupo “Conexões de Saberes” que vinham de Curitiba a Cerro Azul. Na ocasião, tive a oportunidade de participar das

aulas preparatórias para o vestibular, só que a mulher onde eu morava não fazia questão que eu fizesse o curso, pois eu teria que deixar o serviço e assim fiz questão de continuar para sair logo dali e deixar das responsabilidades do trabalho que tinha que tomar conta. E assim o pessoal foi me conhecendo e vendo a maneira pela qual me tratavam, começaram a me apoiar, pois como faziam suas refeições no restaurante davam-me gorjeta às escondidas porque se eles percebessem não gostavam que ninguém me tratasse bem. Somente servia pra trabalhar e servi-los. Nesse ano foi o ano que não aguentei mais, conheci uma senhora que cuidava da biblioteca que me acompanhou desde o 1º ano do ensino médio e que me ajudava muito pagava minhas fotocópias e me dava dinheiro para o lanche no colégio. E quando eu passava mal no colégio devido a minha falta de alimentação e muito serviço no restaurante, ela me socorria e foi me falando que eu era uma criança/adolescente e não devia ter tanta responsabilidade como tinha, pois nessa época eu cuidava do restaurante praticamente sozinha.

Foi aí que com os conselhos do pessoal do grupo da UFPR “Conexão de Saberes” eu fui percebendo que eu não merecia aquilo. Foi no momento que surgiu a viagem para o Rio de Janeiro no final do ano junto ao pessoal da Federal. E já que só tinham cinco estudantes de 50 que iniciaram o pré-vestibular eles nos convidaram para ir junto, seria uma semana de curso. Mas a mulher com quem eu morava disse que eu não iria porque lá não era lugar pra eu ir. Não tinha coisas boas lá, segundo ela, era local de maconheiros e maloqueiros. Segundo ela, o objetivo era me levarem para fazerem malandragem comigo.

Eu como não queria perder uma oportunidade dessas, peguei a autorização e levei para assinatura. Mas a senhora onde eu morava logo me disse que não vai não assinava e nem deixava minha mãe assinar. Eu com medo que minha mãe não assinasse e não acreditasse em mim, falei que ia embora. Ela não gostou e até me bateu, mas não me importei, arrumei minhas coisas e fui embora. Fiquei triste porque ela rasgou todos meus materiais e certificado do curso que havia feito em Libras – Língua Brasileira de sinais oferecida pela FENEIS me deixou pra baixo com palavras absurdas, disse que eu nunca passaria de uma empregada e não seria nada na vida.

Depois disso terminei o terceiro ano do ensino médio no final do e no de 2006 e fiquei um tempo com minha mãe no sítio. Mas tinha contato com as meninas do grupo conexões de saberes e então elas convidaram e me ajudaram a ir embora pra

Curitiba no final de 2007 e consegui morar no alojamento da casa da estudante por um ano trabalhando na Electrolux. Na casa da estudante - CEUC onde conheci outra pessoa maravilhosa, me tratava como uma filha me levava no shopping, comprava roupas e calçados, me senti muito bem, pois ela me tratava como se fosse filha e até hoje me trata assim. Ajudou a pagar a faculdade particular, pois fiz Pedagogia na FACINTER – faculdade internacional de Curitiba, quando apareceu meu nome no jornal, ela mostrava para as amigas que eu tinha passado. Era um orgulho para ela saber que eu ia iniciar a faculdade, só que eu queria muito era estudar na UFPR. Então fiquei por um ano estudando na FACINTER, mas não ia muito bem, pois saía às 6 horas da manhã e voltava às 23 horas da noite sem conseguir dar conta. Mas para a senhora era um orgulho. Ela gostava de me levar para as festas e viagens aonde ia. Depois de um ano tive que sair da casa da estudante universitária. Ela junto com uma amiga alugou um apartamento pra eu e uma amiga morar.

Em 2010 abriu uma turma de pedagogia à distância em Cerro Azul e era a minha oportunidade de estudar na UFPR. Não perdi a oportunidade me inscrevi no vestibular e passei. Então tranquei a que cursava na FACINTER – Faculdade internacional de Curitiba foi outro motivo de orgulho para aquela senhora que tanto me ajudou e me motivou. Então no começo de 2011 voltei para Cerro Azul e comecei a estudar pedagogia EaD com muita determinação e também muita dificuldade, consegui me formar um semestre depois da turma devido as pendências e me formei em fevereiro de 2014.

3.2 MINHA VIDA COMO PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Iniciei em 2015, como professora contratada pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS) no CMEI Tia Lea e onde atuo até hoje como estagiária. Já trabalhei em todas as salas sendo elas, turmas de infantil I, II, III, IV e infantil V. Cada turminha tem 20 crianças com idades de um a seis anos. A comunidade escolar é precária, sem muito apoio e sem a presença familiar. O local é carente. Muitas crianças sofrem abusos físicos e sexuais.

Desde pequena meu sonho era ser professora na creche ou escola especial porque me identifico com a Educação Infantil e Educação Especial. Gosto muito de crianças, por isso, a preferência em trabalhar com a Educação Infantil. Na educação infantil a rotina é totalmente diferente da séries iniciais do Ensino Fundamental. No

CMEI é trabalhado com projetos: identidade e autonomia, alimentação saudável, meio ambiente e outros. Na Educação Infantil eles aprendem muito no concreto, o sentir e tocar, a rotina é feita com os cantinhos e brincadeiras na chegada, depois a chamadinha, calendário individual e coletivo, depois a atividade pedagógica direcionada individual ou coletiva sendo desenvolvidas duas atividades coletivas por semana, brincadeiras individual e coletiva no pátio, hora da história e o almoço. Para trabalhar na Educação Infantil é preciso formação em Pedagogia e Especialização em Educação Infantil, depois da formação temos anualmente a semana pedagógica e curso voltados na área. Aprendemos muito nos cursos ofertados na área, sobre as crianças com necessidades e dificuldades especiais, crianças com sintomas de violências sofridas em casa por familiares ou vizinhos, atividades em psicomotricidade e muitos outros aperfeiçoamentos que todo professor deve estar se atualizando. Temos também o planejamento semanal.

3.3 MINHA VIDA NA LECAMPO

No momento que tive a oportunidade em cursar Educação do Campo, prestei o vestibular por me identificar como sujeito do campo, ou seja, por morar no campo e gostar de Ciências e já que atuava na área de Educação Infantil percebi que seria relevante entrar no curso, pois além de ser um aperfeiçoamento a mais na vida profissional, contribuirá na minha vida profissional. A Licenciatura em Educação do campo me fez enxergar a educação infantil com olhar do campo, pois lá frequentam crianças do campo e da cidade.

Nos projetos desenvolvidos em sala de aula posso contribuir com minha vivência e experiência como aluna em Licenciatura do Campo. Quando é atividade com paisagens e meio ambiente aproveito para ressaltar que nos encontramos no campo. Procuro sempre ouvi-los e trabalhar a partir da realidade das crianças, assim como desenvolver as atividades em coletivo pra que um conheça a realidade do outro. Quanto às avaliações eu não os avalio, mas interajo sobre a realidade da criança com a professora, até porque na educação infantil a avaliação é em forma de parecer descritivo, e assim dialogado com o pai a respeito do que foi escrito e avaliado. Mas que dificilmente os pais demonstram interesse nas avaliações dos filhos. Passa o ano e entra ano e eles não pedem o parecer do filho e também não procuram dialogar com a professora.

3.4 MINHA PRÁTICA EDUCATIVA

3.4.1 Relato de estágio: séries finais

Meu estágio foi realizado em dupla com uma colega. Observamos quatro turmas de sextos anos no período vespertino, sendo que em duas turmas, a maioria dos alunos era do campo, e em duas turmas a maioria vinha da cidade. Percebemos a diferença já no começo, pois dava pra ver os atrasos de conteúdos. Uns estavam adiantados. Como sempre os educandos da cidade estavam com os conteúdos bem na frente, também demonstravam muito interesse, interação e participação. Já os do campo demonstravam dificuldades na cópia dos conteúdos do quadro negro como também nas realizações das atividades respondidas através dos conteúdos copiados do quadro. Como eles não davam conta de copiar, não conseguia resolver. Alguns tiravam foto pra copiar em casa e outros nem copiavam. Talvez por dificuldade na escrita ou leitura. Observei faltas devido ao transporte e outras dificuldades próprias.

A professora frequentemente chamava a atenção dos alunos, mas não adiantava nada, por serem repetentes, ou por não olharem com carinho a realidade deles. Faziam essas coisas pra tentar chamar atenção e tentar instigar neles um olhar diferente, talvez ainda não analisassem quais as realidades ou dificuldades para tentar ajudá-los. Era quase que contínua a presença da pedagoga na sala pra separar brigas ou chamar atenção na frente dos demais da classe. Alguns deles entravam na sala de aula somente nas aulas de ciências, apenas pra estar presente.

Durante nossa observação a professora estava terminando o conteúdo estações do ano e eclipses, nesses dias foram feitas algumas atividades finais do conteúdo e revisões para prova. Depois disso a professora iniciou as atividades sobre o ar e as doenças causadas através das contaminações do ar. Ela nos sugeriu que planejássemos uma aula com vídeo e atividades como cruzadinhas ou caça palavras, sobre as bactérias e viroses, doenças e prevenções, como as vacinas. Foram muitas aulas do conteúdo anteriores assistidas durante observações e apenas uma ou duas do conteúdo proposto para intervenção, mas com muita dedicação e empenho pesquisamos e corremos atrás dos materiais necessários para aula e fomos fazer nossa intervenção.

A turma na qual realizamos nossa intervenção ainda não tinha estudado sobre o ar, ficamos meio nervosas por receio de não conseguirmos alcançar o objetivo proposto pela professora. Mas ao iniciar a aula nos surpreendemos com as crianças. Tudo correu do jeito que esperávamos, pois os alunos não só mostraram interesse nas atividades e vídeos sobre a matéria, como também foram interativos e participativos. Fizemos a pesquisa e buscamos planejar uma aula que eles gostassem, ou seja, diferentes das de rotina, sem muito conteúdo passado no quadro. Então, realizamos uma roda de conversa sobre quais as causas que levam o ar a nos transmitir doenças, perguntamos se alguns deles ou familiares já haviam passado por algumas das doenças vistas nos vídeos e nas atividades fotocopiadas, em que completaram com o nome das doenças nos campos vazios. Em nosso ponto de vista conseguimos alcançar os objetivos almejados, realizamos a atividade de acordo com o desejo e a realidade deles, pois comentaram conosco que era muito cansativo as aulas em que só copiavam do quadro durante o ano todo.

Nas observações realizadas durante o estágio acompanhado pela professora regente Leila Desplanches dos Santos, percebemos algumas semelhanças e diferenças entre alguns alunos do campo e da cidade. Os alunos do campo eram mais agitados, demonstrando problemas e dificuldades. Talvez os motivos estejam relacionados ao fato de saírem de suas comunidades para vivenciarem outra realidade escolar com disciplinas, regras e horários diferentes, cinco aulas por dia, com professores diferentes a cada 50 minutos, com mais disciplinas inseridas como inglês, educação física, artes e ensino religioso confundindo – os ainda mais. Além disso, observamos a problemática das faltas em relação ao transporte e clima.

Observei que os da cidade, embora fossem também agitados, dominavam o conteúdo, participavam da aula, realizavam as atividades e interagiam com a professora e colegas. Em relação a nossa docência sentimos um avanço significativo, percebemos a participação dos alunos na atividade, interagiram e dialogaram sobre o tema, foi uma experiência relevante e significativa enquanto profissional do campo.

3.5 RELATO DO ESTÁGIO: ENSINO MÉDIO

Observamos as turmas do 1º e 2º anos e ambas as turmas tinham alunos do campo e da cidade, sendo que a maioria era do campo. Notamos uma grande

diferença entre o estágio do ensino fundamental e esse do ensino médio, pois os alunos oriundos do campo pareciam adaptados à escola e a única dificuldade que eles tinham era na hora de apresentar trabalhos. Porque tudo depende da tecnologia e muitos deles não têm acesso à tecnologia. Também devido ao transporte, faltavam muito devido a chuva ou mau funcionamento do ônibus, que acabava por ocasionar a perda de muitos conteúdos. Durante nossas observações a professora estava no final do bimestre finalizando conteúdos e fazendo revisões para prova. Por isso, tivemos que fazer algumas observações também no início do outro bimestre para podermos aplicar a intervenção para os alunos. Foram poucas aulas sobre o conteúdo da intervenção, mas com dedicação e pesquisas conseguimos realizar a atividade e as professoras também nos deram várias dicas.

Na aula de Física, que é uma aula que usa muito o quadro, e os alunos ficavam muito sentados, procuramos pensar atividades em que eles usassem seus corpos para praticar na aula, o tema que era centro de gravidade, contribuiu para isso. Usamos alguns movimentos do corpo humano para representar como funciona o centro de gravidade. Foi uma aula muito produtiva, pois com brincadeiras também se aprende. Na aula de Química procuramos fazer um tema diferente que buscasse chamar atenção dos alunos. Nosso tema nos permitiu levar em sala de aula um experimento simples para explicar as polaridades das ligações químicas. Como exemplo de experimento, demonstramos que a água e o óleo não se misturam porque tem densidades diferentes. Foi uma aula de muita curiosidade e participação dos educandos, pois realizamos o experimento e eles ficaram curiosos.

Na aula de Biologia, desenvolvemos o tema Ecologia. Elaboramos um texto contemplando os componentes bióticos e abióticos e levamos impresso para os alunos. Isso facilitou o debate em sala de aula. Realizamos três perguntas a respeito do texto estudado. Em cima das respostas fizemos uma breve discussão das respostas em coletivo.

Apesar de ser meio angustiante estar em sala de aula pela primeira vez, mesmo depois de seis aulas observadas, consideramos que foi pouco para o desenvolvimento de uma intervenção. Porém, podemos dizer que tudo saiu como planejado.

Em meio às observações feitas durante o estágio junto às professoras regentes, percebeu-se algumas semelhanças e diferenças entre os alunos do campo e da área urbana. Os alunos do campo mostraram-se mais esforçados, pois

ao sair de suas comunidades muito cedo acaba sobrecarregando os finais de semestre para recuperar conteúdo e matéria. Além disso, a questão das faltas por causa do transporte e clima também interferiu. Já os alunos da cidade mostraram – se mais agitados e com menos preocupação. Matam aula, ficam fora das aulas no pátio. Em relação à nossa docência sentimos um avanço significativo, percebemos a participação dos alunos na atividade, pois interagiram e dialogaram sobre o tema, foi uma experiência relevante e significativa enquanto profissional do campo.

Observei que a educação tradicional exclui e seleciona, valoriza os que a ela conseguem se adequar, deixando para trás os sujeitos que trazem consigo bagagens adquiridas durante a vida de abandono, precariedade, negligência do poder público, dificuldades pessoais e fragilidade financeira.

Refletir sobre minha história me permitiu destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer. Os significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos. Uma nova perspectiva sobre a educação permitiu pensar práticas educativas emancipatórias para aqueles que seguirão excluídos durante todo o seu percurso, percurso do qual faço parte.

3.5 RELATO DO MÓDULO “AS CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS PRÁTICAS DE ENSINO II”

Minha trajetória de estudante de educação do campo trouxe muito crescimento pessoal, desde a primeira etapa que me possibilitou a identificação como trabalhadora e camponesa. A seguir trago o aprendizado de Ciências da Natureza que considerei fundamental para minha prática docente, pois no meu entender cada momento de estudos vivenciado durante o curso contribuiu para a construção do meu perfil de educadora.

A perspectiva de trabalhar a disciplina de Ciências de modo diferenciado foi muito construtiva, cito como exemplo o fato da professora do módulo ter abordado vários conteúdos de Ciências, Biologia, Química e Física por meio da construção e observação de um terrário tornando possível explorar os conteúdos como o ciclo da água e do carbono, a fotossíntese, decomposição e muitos outros. Isso transformou

a minha prática como educadora porque permitiu a compreensão dos conteúdos a partir de sua complexidade.

Muitos experimentos construídos nesses últimos períodos do curso de Licenciatura em Educação do Campo permitiram entender que a aprendizagem ocorre quando nos sentimos parte da construção.

Este método de ensino trouxe-me experiências e o entendimento de que podemos trabalhar todos os conteúdos rompendo com o modelo tradicional de ensino. Aprendemos também que o livro didático é apenas um apoio.

3.6 MEU FUTURO COMO PROFESSORA DA EDUCADORA DO CAMPO

O aprendizado nos seguintes módulos: As Ciências e a Prática de Ensino I e II e As Ciências, Suas Tecnologias no Campo e a Prática de Ensino I e II as aulas presenciais foram essenciais para o meu desenvolvimento pedagógico, pois embasou e referenciou a prática e teoria em sala de aula. Preparou e me fez entender a metodologia do ensino de ciências nas series iniciais do ensino fundamental e também do ensino médio. Presenciei nas teorias os fundamentos teóricos e práticos das Ciências da Natureza onde aprendi sobre: Ciências da Natureza, Agroecologia, Física, Química e Biologia. Os conteúdos foram abordados a partir da realidade do educandos. Eu que moro no campo percebi os processos químicos, físicos e biológicos presente no dia a dia, pois foram desenvolvidos projetos e aulas que possibilitaram essa observação.

Como exemplo de conteúdos trabalhados nos módulos “As Ciências da Natureza Suas Tecnologias no Campo I e a Prática de Ensino” (relações com a agricultura familiar, desenvolvimento sustentável) – Código SLEO11 cito a ementa:

Prática de Ensino em Escolas públicas locais a partir da relação com ensino-aprendizagem de: Biotecnologia e sociedade; Técnicas artesanais e aplicações tecnológicas; Problemas sociais e desenvolvimento científico e tecnológico; Produção global de bens e de serviços; Disseminação da cultura da informação; Universalização de hábitos de alimentação, vestuário e lazer; Conhecimento e informação; Conhecimentos, instrumentos, materiais e os processos que possibilitam as transformações tecnológicas; Acesso e o uso da Ciência e tecnologia; Origem e o destino social dos recursos científicos e tecnológicos; Consequências para a agricultura familiar; A economia solidária como perspectiva; desenvolvimento sustentável com a visão no global. (LOPES; BARBOSA, 2018)

A ementa supracitada foi desmembrada nos seguintes conteúdos específicos: a história e o conceito de biotecnologia, em que aprendemos que se trata de um conhecimento antigo.

De acordo BRUNO (2014)

A origem da biotecnologia data de 10.000 anos atrás, quando o homem, mesmo sem entender a biologia, já lidava com a biotecnologia na produção de vinhos e pães. A produção de bebidas alcoólicas pela fermentação de grãos de cereais já era conhecida pelos sumérios e babilônios antes do ano 6.000 a.C. Mais tarde, por volta do ano 2.000 a.C., os egípcios, que já utilizavam o fermento para produzir cerveja, passaram a empregá-lo também na fabricação de pães. (BRUNO, 2014.p.03)

Também foi trabalhado conosco o conceito de fermentação e de microrganismos, conteúdo desdobrado a partir do conteúdo básico Seres Vivos. Para Ferreira (2010) fermentação é o fenômeno em que

Os microrganismos necessitam de energia para sobrevivência e manutenção do seu metabolismo. Para tal, as bactérias fermentadoras utilizam a lactose, que é o açúcar presente em maior quantidade no leite, como fonte de energia. A lactose não é usada diretamente no processo fermentativo pelas bactérias lácticas. Ela precisa primeiramente ser quebrada por enzimas produzidas por essas bactérias. Essas enzimas são conhecidas como lactases. Elas quebram a lactose, que é um conjunto de dois açúcares unidos por ligações químicas, em açúcares simples, a glicose e a galactose. (FERREIRA, 2010.p.9)

Segundo o autor supracitado, a fermentação alcoólica é realizada por diversos microrganismos, bastante utilizada na fabricação de bebidas alcoólicas, como a cerveja, o vinho, entre outros. A fermentação acética utiliza microrganismos como as bactérias acéticas, com a finalidade de produzir, por exemplo, o vinagre, gerando o ácido acético como principal composto. Trata-se de um processo bioquímico realizado por bactérias lácticas como o *Lactobacillus delbrueckii*, o *Lactobacillus bulgaricus*, o *Lactobacillus pentosus*, o *Lactobacillus casei*, o *Lactobacillus leichmannii* e o *Streptococcus lactus*, entre outros (OLIVEIRA, 2009).

O estudo sobre a história da biotecnologia nos possibilitou entender vários processos que envolvem essa ciência e que acontecem em nossa casa, por exemplo, o ato de fazer pão, de fazer iogurte caseiro ou mesmo a fabricação da cerveja artesanal.

Estudar sobre esse assunto da fermentação foi fundamental para entendermos as reações químicas que ocorrem na fabricação da cachaça. Tivemos a oportunidade de visitar um alambique em Cerro Azul. Observamos desde a

plantação da cana até a etapa final com a produção da cachaça. Esse processo só é possível devido ao trabalho dos fungos.

Para Silva e Coelho (2006) os fungos

[...] são conhecidos popularmente como mofo e bolores. No entanto, na maior parte das vezes, são lembrados somente pelos danos que algumas espécies causam, seja parasitando plantas ou causando problemas de saúde como alergias e micoses em animais. Podem promover a deterioração de combustível e grande variedade de materiais, como equipamentos ópticos e outros materiais de grande valor como obras de arte e arquitetônicas. (SILVA; COELHO, 2006.p.)

De acordo com Silva e Coelho (2006) os benefícios proporcionados pelos fungos não são tão divulgados quanto os prejuízos. Todos os dias as pessoas são beneficiadas por produtos originados direta ou indiretamente de fungos. Um exemplo é a produção do antibiótico conhecido por penicilina.

3.7 A QUÍMICA, A FÍSICA E A BIOLOGIA PRESENTES NA PRODUÇÃO DA CACHAÇA

No tempo universidade do segundo, semestre de 2017, o coletivo de estudantes de Licenciatura em Educação do Campo, do qual faço parte, realizou uma visita em um importante espaço no município de Cerro Azul, um Alambique, local carregado de história e aprendizagem, momento que permitiu entender que a prática e a teoria está interligada e que em situações do dia a dia podemos identificar a Química, Física e Biologia (Ciências da Natureza).

Esta etapa de aprendizagem teve início no dia anterior com uma aula explicativa dos processos que envolvem a fabricação da cachaça. A aula abordou o processo de fermentação de açúcares, fermentação alcoólica e destilação, conteúdo que foi essencial para o entendimento do processo de produção da cachaça, que visualizamos na visita ao alambique.

O alambique conta com uma estrutura assim distribuída: seção de moagem, sala de fermentação, seção de destilação e área de armazenamento.

O grupo de estudantes de Educação do Campo foi recebido pelo senhor Laertes (responsável pela produção da cachaça) que apresentou as instalações do alambique.

A apresentação teve início com uma explicação sobre a matéria prima de fabricação da cachaça, a cana de açúcar e sua origem, especificando que a matéria

prima utilizada naquele alambique é produzida na propriedade e a colheita é realizada manualmente.

Visualizamos a moenda e assistimos a uma exposição sobre o processo de moagem da cana; a extração da garapa a separação entre caldo e bagaço, a filtração das impurezas. Aprendemos que depois de filtrado o caldo vai para a fermentação e para o descanso em seguida passará pelo processo de fermentação natural, com a ação de leveduras, (*Saccharomyces cerevisae*) esse processo leva em média 24 a 36 horas, libera calor.

O último passo é a destilação, o líquido vai para um recipiente metálico para ser aquecido. O líquido atinge a temperatura de 78 °C, o álcool etílico que tem o ponto de fusão mais baixo que o da água, evapora primeiro. O vapor sobe por uma coluna e volta a ficar líquido novamente ao passar por um compartimento resfriado por água (processo de condensação).

O líquido obtido a partir desse processo é a cachaça, com 38% a 54% de álcool que vai para o armazenamento em barris de madeira ou para o engarrafamento.

Esta aula de campo trouxe a materialização dos conteúdos apresentados nas aulas expositivas, presenciei e participei da prática, visualizei todos os processos químicos e físicos que fazem parte da fabricação da cachaça.

Essa visita ao alambique permitiu conhecer a área chamada Microbiologia, que é “o ramo da Biologia que estuda os seres microscópicos nos seus mais variados aspectos como morfologia, fisiologia, reprodução genética, taxonomia e também a interação com outros seres vivos e o meio ambiente”. (BOSSOLAN, 2002, p.1),

Na Educação Básica, a Microbiologia faz parte do conteúdo de Ciências Naturais em todos os níveis de ensino, estando presente quando do estudo de Citologia, Ecologia, Saúde Pública, Ciclos Biogeoquímicos, Genética e Biotecnologia que, às vezes, causam dificuldades de entendimento aos estudantes em sala de aula (BRASIL, 1998).

As saídas de campo e aulas práticas permitiram aprender de forma prática o conteúdo fungos e representou a oportunidade de trabalhar nas escolas do campo os conteúdos do ensino fundamental e médio de forma, criativa estimulando os estudantes a buscar por si mesmo a aprendizagem.

Tive a oportunidade de capturar microrganismos selvagens e produzir um composto que é conhecido como Microrganismos Eficazes ou EM¹. Vivenciei muitos outros conteúdos que mostraram a possibilidade de trabalhar as disciplinas de Química, Física e Biologia utilizando situações concretas do cotidiano. Essa estratégia de ensino evidenciou além de reforçar a concepção de Educação do Campo, ao mostrar que é possível trabalhar conteúdos de forma dinâmica, divertida e usando o livro didático apenas como apoio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre minha história de vida, tentando perceber a contribuição que poderia ser tirado para a formação de educadores, percebi que muitos dos problemas que vivenciei na minha infância estão relacionados com a falta de políticas públicas para as populações do campo. A falta de políticas precariza as escolas e compromete a qualidade do ensino, dificultando o aprendizado das crianças que moram no campo. Muitas vezes os jovens oriundos de escolas do campo não conseguem entrar em um curso superior e muitos quando entram sentem muitas dificuldades para acompanhar porque apresentam vulnerabilidades e deficiências em muitos conteúdos.

Percebi que essa situação poderia ser diferente se as escolas do campo tivessem professores formados dentro do contexto da realidade do campo, procurando desenvolver estratégias de ensino que ajudassem as crianças e os jovens a superarem suas dificuldades de aprendizagem. O fato de uma criança ter aulas em sua comunidade por professores preparados, fazendo com que não precisem se deslocar em transportes muitas vezes inadequados para escolas longe de sua residência, por si representa uma grande conquista no que se refere a aprendizagem.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza proporcionou uma série de módulos e atividades para o trabalho com o Ensino

¹ Sobre EM ler: ANDRADE. F. M.C. **Caderno dos microrganismos eficientes (EM): instruções práticas sobre uso ecológico e social do EM**, 2011. Disponível em <http://estaticog1.globo.com/2014/04/16/caderno-dos-microrganismos-eficientes.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2018

Fundamental II e Ensino Médio. Neste artigo, destacamos os conteúdos relacionados à biotecnologia, fermentação, microrganismos (fungos e bactérias) e fotossíntese. Procurou-se demonstrar como estratégias simples como a construção de um terrário podem contribuir para o aprendizado de vários conteúdos por meio da observação do ciclo da água, da fotossíntese e de outros ciclos biogeoquímicos. Também ficou evidente a contribuição que uma saída de campo a um alambique na própria cidade de Cerro Azul contribuiu para promover o ensino da Física, Química e Biologia ao estabelecer conexões com o processo de fermentação da cana.

Nesse sentido, percebi que estratégias simples, com materiais de baixo custo como aqueles que foram utilizados para a produção do EM podem alavancar a aprendizagem das crianças que vivem no campo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. ; LOPES, C. V. G. L. **As Ciências e a prática de ensino I e II**. Cerro Azul, 2017. Entrevista.

BRUNO, A.N. HORN, A.C.M. LANDGRAF, SS. Introdução à biotecnologia In: **Biotecnologia I: princípios e métodos**. Disponível em:< <http://srvd.grupoa.com.br/uploads>>. Acesso em 15 de novembro de 2018

BOSSOLAN .N. R.S . **Introdução à microbiologia**. São Paulo: Martins fontes,2002.

FAZENDA, I. C. A. **A pesquisa como instrumentalização da prática pedagógica**. São Paulo: Cortez, 1992.

FAZENDA, I. C. A. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992, p.75-84.

FERREIRA, A. F. **A importância da microbiologia na escola**: uma abordagem no ensino médio. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2010.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

SANTOS, P. V (Org.). **Fermentação divertida**: introdução à ciência através de atividade culinária investigativa. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, M. N. **Tecnologia de produtos lácteos funcionais**. São Paulo: Atheneu, 2009.

SILVA, R. R. da; COELHO, G. D. **Fungos principais grupos e aplicações biotecnológicas**. São Paulo: Instituto de Botânica, Programa de Pós Graduação em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente: Curso de Capacitação de Monitores e Educadores, 2006 Disponível em:<
[http://www.biodiversidade.pgibt.ibot.sp.gov.br/Web/pdf/Fungos Ricardo Silva e Gluciane Coelho.pdf](http://www.biodiversidade.pgibt.ibot.sp.gov.br/Web/pdf/Fungos_Ricardo_Silva_e_Gluciane_Coelho.pdf)>. Acesso em 17 de novembro de 2018